

Capital Inicial
celebra os 25 anos
do 'Acústico MTV'

PÁGINA 2



Clássico de Arthur
Azevedo ganha
remontagem

PÁGINA 6



Está aberta a
temporada dos
quitutes juninos

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Por Affonso Nunes

Poucos artistas brasileiros mantêm com Angola uma relação tão profunda quanto Martinho da Vila. Desde a primeira visita ao país africano, ainda em 1969, quando Angola lutava por sua independência, o cantor se tornou um embaixador afetivo da cultura local — e essa vivência tem moldado não apenas sua obra, mas sua própria visão de mundo. É com esse laço reafirmado que ele chega ao palco do Circo Voador no sábado, 31 de maio, com o espetáculo “O Canto Livre de Angola”.

Recém-chegado de mais uma viagem à África, onde comemorou os 50 anos da independência angolana ao lado de sua banda, Martinho resgata momentos-chave dessa trajetória em seu livro “Kizombas, Andanças e Festanças”. Foi em 1982 que ele organizou pela primeira vez no Brasil o projeto “O Canto Livre”, responsável por introduzir a música angolana no

país. “Dizem até que tive participação na conquista da liberdade política deles. Imagina”, escreveu o artista, que carrega o título de embaixador cultural honorário de Angola.

O repertório da noite vai refletir esse intercâmbio cultural com canções como “À Volta da Fogueira”, “Semba dos Ancestrais” e “Muadiakime”, além de clássicos martinianos como “Devagar Devagarinho”, “Madalena do Jucu” e “Disritmia”. Com sua integridade artística, Martinho oferece a seu público uma ponte entre continentes, o encontro do samba e do semba numa celebração à liberdade.

SERVIÇO

MARTINHO DA VILA
| O CANTO LIVRE DE
ANGOLA
Circo Voador (Rua dos
Arcos, s/nº – Lapa)
31/5, a partir das 20h
(abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 160 e R\$
80 (meia)

Martinho da Vila (e de Angola)

Show no Circo Voador exalta legado
do país africano na obra e no
pensamento do artista

Para sempre acústicos

Leo Aversa/Divulgação

Projeto que revolucionou o destino do Capital Inicial chega ao Rio em sua turnê comemorativa de 25 anos

Por Affonso Nunes

Há 42 anos na estrada, o Capital Inicial se prepara para reviver um de seus momentos mais decisivos. Neste sábado (31), às 22h e com ingressos esgotados no Qualistage, a banda brasiliense sobe ao palco com a turnê comemorativa dos 25 anos de seu “Acústico MTV” — disco que redefiniu sua carreira e a posicionou entre os nomes centrais do rock brasileiro do início dos anos 2000. Gravado em 2000 no Teatro Mars, em São Paulo, o projeto foi o responsável por resgatar a popularidade do grupo após um período de baixa, consolidando uma guinada musical e comercial que alterou seu curso para sempre.

A celebração teve início em um evento especial realizado no mesmo teatro, onde tudo começou, em 12 de novembro do ano passado. Na ocasião, o grupo realizou um pocket show e participou de um bate-papo com a ex-VJ da MTV Sabrina Parlatore. Entre os músicos convidados estavam nomes presentes na formação original do “Acústico”, como Kiko Zambianchi (violão e vocais) e Denny Conceição (percussão), além do produtor musical Marcelo Sussekind, que retorna à função nesta nova turnê. O evento marcou o pontapé da série de apresentações que passará por 25 cidades.



A volta de Dinho aos vocais, em 1998, marcou a guinada definitiva do Capital rumo ao sucesso a partir do ‘Acústico MTV’
Divulgação



O Capital Inicial em imagem na época do ‘Acústico MTV’

Fundado em 1982 por ex-integrantes da banda Aborto Elétrico, o Capital Inicial surgiu no cenário pós-punk brasiliense com forte apelo político e letras engajadas. Seu disco de estreia, lançado em 1986, trouxe sucessos como “Psicopata” e “Veraneio Vascaína”, tornando-se um clássico do período. Ao longo dos anos 1990, no entanto, o grupo enfrentou mudanças de formação, queda na popularidade e dificuldades comerciais.

A volta de Dinho Ouro Preto aos vocais, em 1998, representou

o início de uma nova fase. A partir dali, o grupo se reuniu para realizar alguns shows comemorativos e gravou o álbum “Atrás dos Olhos” (1998), com produção de David Z, conhecido por trabalhos com Prince e Billy Idol.

Foi nesse contexto que surgiu o convite para o “Acústico MTV”. A proposta surpreendeu o grupo, que decidiu investir na ideia com empenho inédito: passaram quase dois meses ensaiando no Teatro Mars e optaram por uma abordagem musical crua,

fiel às suas raízes. O repertório mesclava clássicos da fase inicial, faixas recentes e inéditas como “Natasha” e “Tudo que Vai”, além de uma releitura de “Primeiros Erros”, de Kiko Zambianchi. A gravação, feita em uma única noite, capturou o espírito introspectivo que os músicos buscavam — como se tocassem ao redor de uma fogueira, segundo definiu a banda na época.

Lançado em 2000, o disco transformou a trajetória do Capital. Em pouco tempo, as vendas se multiplicaram, os shows passaram a lotar ginásios e estádios, e o grupo alcançou uma nova geração de fãs. A performance no Rock in Rio de 2001 ampliou ainda mais esse impacto. O álbum ultrapassou a marca de um milhão de cópias vendidas, foi amplamente pirateado e ainda assim continuou nas listas de mais vendidos. Até hoje, músicas como “Natasha” e “Primeiros Erros” seguem entre as mais ouvidas do grupo nas plataformas de streaming.

O sucesso inesperado reacendeu a produtividade do Capital,

que passou a lançar discos com regularidade até a pandemia. Agora, ao olhar para esse ponto de virada, a banda propõe não apenas uma celebração nostálgica, mas uma oportunidade de reler sua história com a formação mais próxima possível daquela noite emblemática. A turnê conta novamente com Marcelo Sussekind na produção musical, cenografia assinada por Zé Carratu, Studio Curva e MangoLab, e desenho de luzes de Césio Lima.

Além dos shows, o grupo lançará um EP com faixas inéditas para acompanhar o projeto. Segundo Dinho Ouro Preto, “um marco como esse tem que ser celebrado”, não apenas pela relevância do disco, mas por representar o momento em que o Capital encontrou nova identidade e público.

SERVIÇO

CAPITAL INICIAL | TURNÊ 25 ANOS ACÚSTICO

Qualistage (av. Ayrton Senna, 3000 – Barra da Tijuca)

31/5, às 22h

Ingressos esgotados

Um trem com três locomotivas

Trem de 3 une Carlos Malta, Jaques Morelenbaum e Marcelo Costa em noite de improvisos e clássicos da MPB

Por **Affonso Nunes**

Três músicos de trajetórias distintas, mas convergentes, se encontram no palco para celebrar a riqueza da música brasileira. No projeto “Trem de 3”, o flautista e saxofonista Carlos Malta, o violoncelista Jaques Morelenbaum e o percussionista Marcelo Costa combinam experiências acumuladas em décadas de estrada com nomes fundamentais da nossa arte. O trio se apresenta nesta sexta (30), às 20h, no Blue Note Rio, em Copacabana.

O espetáculo propõe uma viagem mu-



Reprodução Instagram

Carlos Malta, Marcelo Costa e Jaques Morelenbaum: três gigantes da música instrumental brasileira

sical por diferentes paisagens da MPB, reunindo temas autorais e releituras de compositores como Edu Lobo, Egberto Gismonti, Tom Jobim, Caetano Veloso e Gilberto Gil. A apresentação é marcada por momentos de improvisação, duos e trios, com arranjos que

valorizam a escuta e o diálogo entre os instrumentos — em constante construção no palco.

Conhecido por sua atuação junto a Hermeto Pascoal e Gilberto Gil, Malta é um dos maiores multi-instrumentistas do país, um

escultor do vento. Domina flautas, saxofones, pífanos e instrumentos menos convencionais, como a fônica e a cítara chinesa, imprimindo uma assinatura sonora inconfundível. Morelenbaum, por sua vez, construiu uma carreira que transita com naturalidade entre a música popular e o erudito. Parceiro frequente de Tom Jobim e Egberto Gismonti, também atuou ao lado de nomes internacionais como Ryuichi Sakamoto e Sting. Já Marcelo Costa, referência na percussão brasileira, colaborou com Caetano Veloso, Maria Bethânia, João Bosco e Guinga, entre outros, desenvolvendo um vocabulário rítmico refinado, que mescla tradição e experimentação.

A afinidade musical entre os três se expressa em uma escuta atenta e generosa, com espaço para invenção e liberdade. O repertório, longe de fórmulas, privilegia o instante da criação — característica herdada de mestres como Hermeto e Gismonti, com quem todos já dividiram o palco.

“Trem de 3” apresenta três olhares singulares sobre a música brasileira que se abrem ao risco e prazer da improvisação guiada apenas pela bússola da sensibilidade e da experiência.

SERVIÇO

TREM DE 3

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 – Copacabana) | 30/5, às 20h

Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia)

Uma **celebração** aos grandes mestres

Solista argentino e orquestra suíça se apresentam no Municipal

O Theatro Municipal do Rio de Janeiro recebe neste domingo (1), às 17h, um encontro raro entre excelência orquestral e virtuosismo pianístico. Sob a batuta do violinista e diretor artístico Daniel Dodds, a aclamada orquestra de câmara Festival Strings Lucerne será acompanhada pelo pianista argentino Nelson Goerner em um programa que atravessa três séculos de música.

Com quase sete décadas de atuação, a orquestra suíça é reconhecida por seu refinamento técnico e flexibilidade estilística. Fundada em 1956 por Wolfgang Schneiderhan e Rudolf Baumgartner, consolidou-se como uma referência no repertório que vai do barroco ao contemporâneo. Desde 2012 sob a liderança de Dodds — também spalla da Australian World Orchestra e colaborador



Fabrice Umiglia/Divulgação

Os músicos do Festival Strings Lucerne terão Nelson Goerner (detalhe) como solista

frequente de grupos como a Mahler Chamber Orchestra — o conjunto mantém um padrão elevado de coesão sonora e leitura expressiva.

A participação de Goerner reforça o caráter excepcional do concerto. O pianista argentino construiu uma carreira marcada por

interpretações densas e sensíveis, com destaque para obras de Chopin, Beethoven, Liszt e Debussy. Vencedor de importantes prêmios internacionais, como o Diapason d’Or e o Editor’s Choice da Gramophone, Goerner é presença constante nos grandes palcos e colaborações camerísticas de peso.

O programa abre com a homenagem de Ravel a Haydn em “Menuet sur le nom d’Haydn” (1909), peça breve que combina elegância clássica com toques impressionistas. Em seguida, a orquestra interpreta o “Concerto Capriccio” (2020), obra do compositor franco-suíço Richard Dubugnon, marcada por contrastes rítmicos e lirismo contemporâneo. Na segunda parte, Goerner assume o protagonismo no “Concerto para Piano n° 2” de Chopin, obra que equilibra requinte melódico e brilho técnico. O encerramento cabe à Serenata para Cordas de Tchaikovsky, uma das peças mais expressivas do romantismo russo.

SERVIÇO

FESTIVAL STRINGS LUCERNO - SOLISTA NELSON GOERNER (PIANO)

Theatro Municipal (praça Floriano, s/n° – Cinelândia) | 1/6, às 17h

Ingressos entre R\$ 42,36 (promocional limitado a 20% da ocupação) e R\$ 3.600

Entre hits e forrós sintetizados

Marcelo Jeneci relembra seus grandes sucessos em show que também mostra suas releituras que modernizam o ritmo nordestino

Por Affonso Nunes

Marcelo Jeneci sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras no dia 31 de maio para apresentar o show “Pra sonhar”, em que costura canções marcantes de sua trajetória com faixas do mais recente trabalho, “Night Clube Forró Latino”, indicado ao Grammy Latino em 2024. Com uma abordagem que funde sanfona e sintetizadores, Jeneci propõe uma experiência sonora que desafia classificações de gênero e transforma o espaço cênico em um território compartilhado entre artista e plateia.

O instrumento que guia essa travessia é simbólico: a sanfona que o cantor ganhou de Dominginhos, seu mestre e padrinho musical. Com ela, Jeneci construiu uma linguagem



Divulgação

Marcelo Jeneci mostra as releituras eletrônicas para o forró de seu álbum indicado ao Grammy Latino

que mantém raízes no forró, mas flerta com a canção romântica, o pop e a música eletrônica. A proposta do espetáculo é mais do que um passeio por sucessos. É a construção de um clima em que cada música seja vivida como um gesto de presença, com a audiência participando do percurso emocional da apresentação.

O repertório reúne composições que marcaram sua carreira, como “Felicidade”, “Pra sonhar” e “Feito pra acabar”, além de faixas do novo álbum, que amplia sua pesquisa sobre o lugar do forró no século XXI. Com timbres eletrônicos, batidas dançantes e letras que evocam afeto e pertencimento, “Night Clube Forró Latino” atualiza a tradição sem descaracterizá-la, propondo um diálogo vivo entre passado e futuro.

Filho de afinador de acordeões da zona leste de São Paulo, Jeneci cresceu em contato com a música desde cedo. Estreou como compositor ao lado de Chico César e Arnaldo Antunes, e passou a se destacar na cena musical brasileira a partir da década de 2010, quando lançou seu primeiro álbum solo.

A colaboração com artistas como Laura Lavieri, que dividiu com ele os vocais por vários anos, e a busca constante por novas texturas sonoras consolidaram seu nome como um dos principais representantes da nova geração da MPB. Seu trabalho é marcado pela combinação de lirismo, melancolia solar e inventividade musical.

SERVIÇO MARCELO JENECI

- PRA SONHAR
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 – Cinelândia) 31/5, às 20h30
Ingressos a partir de R\$ 42

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Leonardo Rodrigues/Divulgação



Casa cheia

Fagner comemora 50 anos de carreira com dois shows no Vivo Rio, nesta sexta (31) e sábado (1º), ambos com ingressos esgotados. No repertório, sucessos que marcaram a trajetória do cantor e compositor cearense e clássicos da música brasileira. O cantor será acompanhado por Cainã Cavalcante (violão), Stenio (guitarra), Netinho de Sá (baixo), Robson (bateria), Eudiner (acordeon) e Thiago Almeida (teclados).

Ruth Medjber/Divulgação



Tour brasileira

O cantor e compositor irlandês Hozier apresenta neste domingo (1), às 21h, seu novo espetáculo no Qualistage, às 21h. Com a turnê “Unreal Unearth Tour”, ele traz ao Rio um show que mescla os grandes sucessos da carreira, como “Take Me to Church” e “Cherry Wine”, com faixas recentes do álbum mais recente e que dá nome à turnê. A convidada especial da noite é a estadunidense Gigi Perez.

Divulgação



Noite black

Ícone da black music brasileira, Di Melo comemora 50 anos de seu disco de estreia com show nesta sexta (31), no Circo Voador. Lançado em 1975, o álbum reúne faixas como “Kilarió” e “A Vida em Seus Métodos Diz Calma”, redescobertas nos anos 1990 e hoje cultuadas mundo afora. A big band Abayomy participa da festa, que ainda terá DJ set de Marcello MBgroove antes e depois dos shows. Os portões abrem às 20h.

Divulgação



Samba e herança

Arlindinho Cruz se apresenta nesta sexta-feira (30), às 22h, no Bar do Zeca Pagodinho do NorteShopping. No repertório, sambas como “Pureza da Flor”, “Meu Nome é Favela” e “O Show Tem Que Continuar”, além de composições autorais como “A Sós” e “Bom Aprendiz”, feita com o pai, Arlindo Cruz. Com quase 15 anos de carreira, Arlindinho afirma seu nome como destaque da nova geração do samba.

exposição

notícias do brasil

Obras que revelam o Brasil além das manchetes



CURADORIA Marcelo Campos

COCURADORIA Pollyana Quintella

Venha conhecer a exposição que inaugura a maior galeria do Sesc na região metropolitana com grandes obras de artistas contemporâneos.

VISITAÇÃO
31/05/2025 a 30/08/2025
De terça a domingo, 10h às 20h

SESC TIJUCA
GALERIA DE ARTES
Rua Barão de Mesquita, 539,
3º andar
Tijuca, Rio de Janeiro

ENTRADA GRATUITA

CLASSIFICAÇÃO LIVRE



A comédia escrita por Artur Azevedo em 1904, marcada por seu olhar crítico e afetuosos sobre o fazer teatral, ganha nova versão em “Os Mambembes”, em cartaz no Teatro Casa Grande, no Leblon. Dirigido por Emílio de Mello e Gustavo Guenzburger, o espetáculo tem no elenco Claudia Abreu, Camila Boher, Deborah Evelyn, Julia Lemmertz, Leandro Santanna, Orá Figueiredo e Paulo Betti, além do músico Caio Padilha. A montagem já passou por cidades do Maranhão, Pará, Espírito Santo e Minas Gerais, contabilizando mais de 18 mil espectadores.

Com adaptação dramaturgica de Daniel Belmonte, Guenzburger e Mello, o espetáculo nasceu com a proposta de ser itinerante, encenado em espaços públicos, praças e ruas. A temporada no Rio marca a transição da trupe para o palco convencional, após a peça abrir a 33ª edição do Festival de Curitiba. A encenação celebra o teatro como experiência coletiva, utilizando revezamento de personagens e alternância de linguagens para recriar, com humor e liberdade, os bastidores da arte de representar.

O projeto surgiu do desejo antigo de Claudia Abreu e Emílio de Mello de realizar um trabalho conjunto que dialogasse diretamente com o ofício teatral. Ao lado do produtor Arlindo Bezerra, idealizaram um percurso que levasse o espetáculo para localidades fora do circuito tradicional. Com o texto original de Azevedo como ponto de partida, o trio trabalhou durante oito meses em uma adaptação que condensasse os cerca de 80 personagens em um elenco reduzido, sem perder a complexidade e a leveza do original.

Arthur Azevedo (1855–1908) foi um dos principais nomes do teatro brasileiro no fim do século 19 e início do século seguinte. Jornalista, cronista e dramaturgo, destacou-se pela habilidade em retratar os costumes da sociedade urbana com leveza, humor e crítica social. Irmão do também escritor Aluísio Azevedo, Arthur foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Especialista na chamada comédia de costumes, escreveu dezenas de peças, muitas em parceria com outros autores como em “O Mambembe” (com José Piza), considerada um marco da dramaturgia nacional. Seu estilo alia o refinamento literário ao gosto popular, fazendo do teatro um espaço de entretenimento e reflexão.

A montagem não apenas homenageia a história do teatro brasileiro como também atualiza sua reflexão. “Os Mambembes”



Paulo Betti e Cláudia Abreu em cena de ‘Os Mambembes’, uma nova versão do clássico de Arthur Azevedo

Roteiros de cena e estrada

Montagem contemporânea revisita ‘Os Mambembes’, clássico de Artur Azevedo, em temporada no Teatro casa Grande

dialoga com diferentes estilos e tempos, da farsa à metalinguagem, da commedia dell’arte ao realismo psicológico. A encenação se vale de uma estrutura de jogo em que intérpretes se revezam em papéis diversos ao longo da peça, estabelecendo uma gramática cênica que valoriza o improvisado e a criatividade como marcas do teatro de grupo.

Inspirado na trajetória original do tex-

to, que foi ignorado pelo grande público em sua estreia em 1904 mas ganhou reconhecimento histórico décadas depois, o projeto atual propõe um novo olhar sobre o legado de Azevedo. A montagem do Teatro dos Sete em 1959 — que reuniu Fernanda Montenegro, Sergio Britto e Ítalo Rossi sob direção de Gianni Ratto — foi fundamental para a consagração póstuma da peça. Agora, “os mambembes” busca

reviver esse espírito de reinvenção ao apostar em um formato popular e acessível, sem abrir mão da sofisticação estética.

Além da temporada carioca, o grupo prepara um documentário dirigido por Claudia Abreu, que acompanha os bastidores da turnê nacional. A proposta é registrar não apenas o espetáculo, mas também os encontros que ele promoveu com plateias muitas vezes em contato pela primeira vez com o teatro.

A nova encenação reafirma a vitalidade do texto de Artur Azevedo ao explorar o encantamento e as contradições de uma companhia mambembe enfrentando as condições precárias da arte itinerante. Ao colocar a cena como metáfora da vida (e vice-versa), o espetáculo se torna também uma declaração apaixonada sobre o valor da criação coletiva. Como resume Claudia Abreu, “é uma celebração ao teatro e à alegria de atuar”.

SERVIÇO

OS MAMBEMBES

Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 – Leblon)
Até 22/6, de quinta a sábado (20h) e domingos (18h)
Ingressos entre R\$ 80 e R\$ 200

CRÍTICA / TEATRO / ANTES DO ANO QUE VEM

Divulgação

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

É impossível não reconhecer a sensibilidade e o talento multifacetado de Gustavo Pinheiro, autor de “Antes do Ano que Vem”. Sua escrita é viva, pulsante, e transita com maestria por diversos gêneros, indo do drama à comédia com uma naturalidade que só os grandes conseguem. Há algo de profundamente humano na sua dramaturgia, um olhar atento sobre as relações, sobre o cotidiano e, sobretudo, sobre o valor do afeto. Neste espetáculo em especial, esse olhar encontra eco numa encenação que equilibra com delicadeza humor e emoção, proporcionando ao público uma experiência teatral rica e completa.

Mariana Xavier, protagonista da peça, entrega uma performance admirável, que merece todos os elogios. Ela é presença, é voz, é corpo em cena, com uma entrega comovente. Consegue provocar risos e, no instante seguinte, como num passe de mágica, emocionar com a sutileza de um olhar ou a entonação de uma frase. Sua atuação não é apenas carismática — é verdadeira, íntima, potente.



Mariana Xavier emociona e diverte em ‘Antes do Ano que Vem’ com uma atuação potente que transita entre o riso e a delicadeza de um olhar

Mariana nos convida a rir das pequenas desgraças cotidianas, mas também nos leva a reconhecer o valor dos encontros, das relações e da família.

A direção de Ana Paula Bouzas e Lázaro Ramos em “Antes do Ano que Vem” é, acima de tudo, uma celebração dirigida. Uma comédia, sim, mas que carrega nas entrelinhas a beleza da solidariedade, o peso e a leveza do amor, o conforto do companheirismo e a importância da família. É uma peça sobre festas e despedidas, sobre finais e recomeços, sobre os momentos que definem quem somos. É impossível não se ver refletido em alguma parte da narrativa, não reconhecer um gesto, uma palavra, uma emoção. O riso nunca vem sozinho — ele traz à tona lembranças, saudades.

SERVIÇO

ANTES DO ANO QUE VEM

Teatro Copacabana Palace (Av. Nossa Sra. De Copacabana, 261)

Até 13/7, de quinta a sábado (19h30) e domingos (17h)

Ingressos: Plateia, frisas e camarote – R\$ 160 e R\$ 80 (meia) | Balcão (visão parcial): R\$ 42 e R\$ 21 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Lembrança que fica

Laura Vaz está em cartaz com seu primeiro monólogo, “Aqueles Cartões que Guardei Comigo”, no Teatro Cândido Mendes, até 29 de junho. A peça aborda com sensibilidade o Alzheimer, doença neurodegenerativa que afeta mais de um milhão de pessoas no Brasil. Inspirado na vivência da atriz com o avô, a trama revela os impactos da doença na memória e nas relações familiares, propondo uma reflexão profunda sobre o que escolhemos lembrar e o que, inevitavelmente, esquecemos. Aos sábados e domingos.

Divulgação



Felipe Iruatã/Divulgação

**Ironias imperiais**

Diretamente de Paraguaçu Paulista, a Cia Bambolina chega ao Rio com a comédia “O Vestido da Rainha”. Misturando cultura drag, humor LGBTQIAPN+ e sátira à monarquia, o espetáculo tem direção e texto de Danilo Salomão. A trama gira em torno de três estilistas em crise que recebem uma missão real: criar o vestido da Rainha Bernardete III. O elenco conta com Carlos Galvão, Ivan Pinto, Danilo Salomão e Raquel Dib. Uma comédia irreverente que promete brilho, crítica e boas risadas. A peça se apresenta neste sábado (31), às 15 horas, no Sesc Madureira.

Diego Bresani/Divulgação

**Ocupação brasiliense**

O projeto Amacaca em Trânsito ocupa o Teatro 2 do CCBB RJ, até 29 de junho, com três peças de seu repertório. Os espetáculos “2+2=5”, “Se eu fosse eu – Clarices” e “Os Saltimbancos” trazem à cena o legado do diretor Hugo Rodas. O grupo brasiliense Ata explora o teatro-dança com forte linguagem corporal e veia política. A companhia atua há 16 anos com obras que misturam musicalidade, fisicalidade e imagens poéticas. “Os Saltimbancos” traz música ao vivo e linguagem acessível para todas as idades. “Se Eu Fosse Clarices” propõe um olhar sobre o feminino.

SHOW**AMANDA BRAVO**

*Filha do violonista e compositor Derval Ferreira, expoente da Bossa Nova, a cantora celebra clássicos de Tom Jobim, Baden Powell, João Donato, Carlos Lyra, Roberto Menescal e Vinícius de Moraes, entre outros. Sáb (31), às 20h30. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 60

SAMUEL POMPEO QUINTETO

*O espetáculo é fruto de extensa pesquisa realizada pelo compositor e saxofonista paulista sobre a evolução do choro e suas semelhanças estilísticas com o jazz. Sex (30), às 19h. Espaço BNDES (Av. Rep. do Chile, 100 - Centro). Grátis

ROSANA

*A cantora resgata a memória afetiva de seus fãs, num show que reúne vários de seus hits, como "O Amor e o Poder", "Nem um Toque", "Custe o que Custar", "Direto no Olhar" e "Vício Fatal". Sex (30), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). Entre R\$ 50 e R\$ 130

TEATRO**TORTO ARADO - O MUSICAL**

*A adaptação livre do best-seller de Itamar Vieira Junior mantém a essência da obra original, mergulhando o público em uma narrativa de dor, resistência e redenção ambientada no sertão da Chapada Diamantina (BA). Até 15/6, qui e sex (19h30), sáb (17h e 20h30) e dom (18h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38, Centro). Entre R\$ 40 e R\$ 200

TOC TOC

*Nesta comédia francesa seis pessoas com diferentes tipos de TOC, aguardam atendimento num consultório, mas o médico não aparece. Até 30/6, sex (20h), sáb (18h e 20h) e dom (18h). Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

DESERTO

*Adaptação teatral da obra do escritor chileno Roberto Bolaño ganha primorosa atuação de Renato Livera com direção e dramaturgia de Luiz Felipe Reis. Até 29/6, de qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua Sao Joao Batista, 104, Botafogo). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)



TA - Sobre Ser Grande

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Caio Lírio/Divulgação



Torto Arado - O Musical

ENSAIO SOBRE A MEMÓRIA

*Adaptação do conto "A Outra Morte", do argentino Jorge Luis Borges em montagem do grupo maranhense Pequena Companhia de Teatro. Até 2/6, de qua a sáb (19h) e dom (18h). Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro - Teatro III (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

CABARÉ FIESTA Y DOLOR

*O espetáculo é uma jornada afetiva e poética pelas principais manifestações culturais da América Latina, onde dor, riso e festa se entrelaçam. Direção artística é assinada por Christina Streva e Ricardo Nolasco. Até 30/5, sex e sáb (22h). Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana). R\$ 5 e R\$2,50 (meia)

Divulgação

**TOC TOC**

Karin Brondino/Divulgação

**Samuel Pompeo**

Francisco Moreira da Costa/Divulgação

**Bonecas de Memória e Tradição****FREUD E O HOMEM DOS RATOS**

*A dramaturgia criada pelo ator e psicanalista Antônio Quinet aborda um caso real de um paciente de Sigmund Freud, o pai da psicanálise. Até 10/6, ter (20h30). Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). A partir de R\$ 40

DANÇA**RIOS VOADORES**

*Neste espetáculo a coreógrafa Rosa Antuña busca trazer para a cena a importância da preservação do meio ambiente como ponto crucial para o equilíbrio do planeta. Trilha sonora original de Makely Ka. Sex (30), às 19h30. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Divulgação

**Rosana**

Chico Acioly/Divulgação

**A Menina Dança****CAPUT ART. 5**

*Coreografia traz à luz a este artigo tão importante da Constituição de 1988 e que é tão difícil de ser aplicado. Sáb (31), às 16h. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

URUTAU

*Esétpaculo explora o conceito de desaceleração, conduzindo os bailarinos a um estado de constante transformação. Sáb (31), às 19h30. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

TA - SOBRE SER GRANDE

*"TA" significa Grande para o povo Tikunas. Coreografia de Mario Nascimento e trilha de Marcos Tubarão. Dom (1), às 18h. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

EXPOSIÇÃO**AUTO-ACUSAÇÃO**

*Através de instalações que integram artes visuais, teatro, canto, audiovisual e cinema, a atriz e diretora Bárbara Paz reflete sobre as cicatrizes decorrentes de um acidente automobilístico. Até 16/6, ter a sex (11h às 18h), sáb (12h às 20h) e dom (10h às 18h). Studio OMart (Rua Jd. Botânico, 997). Grátis

CORPO ABRIGO

*A artista plástica Bel Barcellos apresenta trabalhos que mesclam bordado, costura e cerâmica em pesquisa que evoca memórias afetivas e saberes ancestrais e que se baseiam no universo feminino. Até 1/6, ter a dom e fer (10h às 17h). Galeria do Lago - Museu da República (Rua do Catete, 153). Grátis

BONECAS DE MEMÓRIA E TRADIÇÃO

*Mulheres do Quilombo São José da Serra, de Valença (RJ), apresenta sua produção artesanal pela primeira vez no Rio. Até 26/6, de ter a sex (11h às 18h), sáb, dom e fer (15h às 18h). Museu de Folclore Edison Carneiro (Rua do Catete, 179). Grátis

PANDEIROS DO BRASIL

*A história do milenar instrumento e sua absorção pela cultura brasileira. Casa do Pandeiro (Trav. do Ouvidor, 36). De seg a sáb (10h às 17h), exceto qua (10h às 20h). Grátis

ÁGUAS DA AMAZÔNIA

*Ana Luiza Varela apresenta telas que exploram a pororoca, o encontro das águas do rio com as do oceano. Até 30/5, seg a qui (13h às 19h) e sex (12h às 18h). Galeria IBEU (Rua Maria Angélica, 168 - Jardim Botânico). Grátis

INFANTIL**PIMENTINHA - ELIS PARA CRIANÇAS**

*A trajetória de uma das maiores vozes da MPB através da menina Lilica. Até 29/6, sáb e dom (16h). EcoVilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

A MENINA DANÇA

*Maria Felipa se depara com 40 navios portugueses, prontos a tirar sua liberdade. Até 1/6, sáb e dom (11h). Teatro Mun. Domingos de Oliveira (Av. Padre Leonel Franca, 240). Grátis

SYDNEY FILM FESTIVAL

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Depois de fazer a alegria do povo brasileiro (sobretudo a galera do Recife) no 78. Festival de Cannes, onde premiou seu diretor (Kleber Mendonça Filho) e seu ator principal (Wagner Moura), “O Agente Secreto” tem um novo pouso internacional já marcado, nas telonas da Austrália. No dia 11 de junho, véspera do Dia dos Namorados, o thriller de CEP pernambucano tentará aarrebatar os corações do Festival de Sydney. Em 2016, Kleber passou por lá com “Aquarius” e ganhou a lauréa de Melhor Filme. O evento audiovisual de maior relevo da pátria de titãs da direção como Peter Weir e Baz Luhrmann vai de 4 a 15 de junho e promove uma retrospectiva da obra do iraniano Jafar Panahi, que ganhou a Palma de Ouro no sábado passado com “Un Simple Accident”. O Brasil passará por lá ainda com “O Último Azul”, distopia com Denise Weinberg e Rodrigo Santoro que conquistou o Grande Prêmio do Júri na Berlinale, em fevereiro. O Correio aponta aqui alguns dos títulos mais esperados por Sydney este ano.

LESBIAN SPACE PRINCESS, de Emma Hough Hobbs e Leela Varghes (Austrália): Eis a prata da casa em ação. Indicada ao Oscar com “Memórias de um Caracol”, a animação australiana ganhou um reforço e tanto ao conquistar o troféu Teddy da Berlinale 2025 com esta comédia interplanetária. É hora de sua pátria vê-la. A introvertida princesa Saira, filha das extravagantes rainhas lésbicas do planeta Clitópolis, fica arrasada quando sua namorada, a caçadora de recompensas Kiki, termina repentinamente com ela por ser muito carente. Quando Kiki é sequestrada pelo povo mau,



Little Trouble Girls



Vie Privée



Sorda



Lesbian Space Princess



On Becoming a Guinea Fowl

Próxima parada: Austrália

Circuito mundial dos festivais de cinema segue via Sydney, que celebra o Brasil dos realizadores Kleber Mendonça Filho e Gabriel Mascaro

Saira precisa deixar o conforto da “gaylândia” para entregar o resgate solicitado: seu Royal Labrys, a arma mais poderosa conhecida no universo. O uso de cores na direção de arte é um deslumbramento.

VIE PRIVÉE, de Rebecca Zlotowski (França): Uma promessa de bilheterias milionária

e indicações ao Oscar este thriller com um sagaz bom humor arranca uma atuação luminosa de Jodie Foster e apresenta o (ex futuro) casal mais fofo deste festival, formado por ela e por Daniel Auteuil. A estrela de “O Silêncio dos Inocentes” (1991) vive uma psiquiatra que suspeita de um possível assassinato envolvendo a morte de uma paciente.

Auteuil vive um oftalmologista com quem ela foi casada e os dois têm um benquerer e um tesão ativos. É ele quem vai apoiá-la numa abilolada investigação.

ON BECOMING A GUINEA FOWL, de Rungano Nyoni: Mais badalado dos representantes da África no Festival de

Cannes de 2024, esta fábula sombria da Zâmbia segue a flamar pelas grandes mostras, marcando a volta da diretora de “Eu Não Sou Uma Bruxa” (2017). Rungano nos leva aos bastidores de um enterro, no qual a despedida de um tio provoca uma surreal transformação numa família.

SORDA, de Eva Libertad (Espanha): A pátria de Almodóvar voltou para casa este ano com a lauréa da Associação de Cinemas de Arte da Europa, dada a ela na Berlinale, graças à batalha de Ángela, uma mulher com problemas auditivos, e Héctor, seu parceiro. Eles estão esperando um filho. Apesar de muito animados com a gravidez, não sabem se o bebê vai herdar a surdez da mãe. Depois de um trabalho de parto complicado e emocionalmente intenso, Ángela dá à luz sua filha, mas o casal terá que esperar alguns meses para saber se a neném sofre de algum problema de audição. Durante esse período, Héctor se esforça para entender completamente os desafios que Ángela está enfrentando, enquanto ela precisa se conformar com a criação de um ser a quem pretende dedicar todo o seu querer.

LITTLE TROUBLE GIRLS (“Kaj ti je deklica”), de Urška Djukic (Eslovênia): Um estudo sobre o benquerer e as sequelas que ele pode trazer no despertar da primavera da vida. Foi laureado com o Prêmio da Crítica da última Berlinale, pela excelência de sua edição. Na trama, montada com elegância, Lucia, uma jovem introvertida de 16 anos, entra para o coral feminino de sua escola católica, onde faz amizade com Ana-Maria, uma aluna popular e sedutora do terceiro ano. Durante um retiro de fim de semana em um convento remoto no campo, para ensaios intensivos, a crescente fascinação de Lucia por um restaurador começa a prejudicar seu vínculo com Ana-Maria e o restante de suas colegas de canto. Em meio a um ambiente desconhecido e ao despertar de sua sexualidade nascente, Lucia se vê questionando suas crenças e valores.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Depois da consagração de “O Agente Secreto” em Cannes, com quatro laúreas para o filme do pernambucano Kleber Mendonça Filho no mais prestigiado festival do mundo, nosso cinema pode ter mais um blockbuster a caminho, neste momento em que “Homem Com H” bate a marca de 550 mil ingressos vendidos. Em meio ao fenômeno “Ainda Estou Aqui”, que ganhou o Oscar e vendeu 5,8 milhões de tíquetes, “O Auto da Compadecida 2” contabilizou 4,2 milhões de pagantes e “Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa” passou da marca de 1 milhão de entradas vendidas.

Em 31 de julho, Edimilson Filho pode lotar salas com a chanchada pé na cara “C.I.C. – Central de Inteligência Cearense” e, no início de agosto, a diretora Anna Muylaert chega com força ao ecrã com “A Melhor Mãe Do Mundo”, que bombou na Berlimale. Por lá, o Brasil foi laureado com o Grande Prêmio do Júri por “O Último Azul”, que estreia em setembro com Denise Weinberg a buscar a felicidade Amazônia adentro.

O panorama pro nosso país é dos mais fortes em circuito, mas chegamos à chamada Summer Season, a temporada do verão estadunidense, quando potenciais fortunas com CEP nos EUA se aboletam nos multiplexes do planeta. A bola da vez é a versão em carne e osso do desenho de 2002 “Lilo & Stitch”. Ao longo de uma semana, seu faturamento arranha a casa dos US\$ 400 milhões neste ano em que Hollywood sua a camisa para disputar o topo do pódio dos maiores faturamentos cinematográficos.

O primeiro lugar de 2025 está ocupado pela China: a animação “Nezha: O Renascimento da Alma”. Sua receita beira US\$ 1,9 bilhão a um custo de produção cinco vezes menor do que uma animação da Disney, por exemplo. Cercada de misticismo e ancestralidade asiática, a trama animada por Jiao Zi é a continuação de um filme de 2019. No enredo, as almas de Nezha e



A animação chinesa ‘Ne Zha 2 - O Renascimento da Alma’ beira US\$ 2 bilhões na venda de ingressos em todo mundo

O RANKING GLOBAL DE BILHETERIA EM 2025

Negócio da China

Hollywood não consegue chegar nem perto do faturamento que a animação chinesa ‘Nezha’ faz em circuito internacional, neste ano em que o cinema brasileiro enche salas a granel

Aobing se salvaram de uma catástrofe, mas seus corpos estão condenados a serem despedaçados. Um objeto sagrado, a lótus de sete cores, pode ajuda-los, mas trata-se de um fetiche cercado de perigos.

O nº 2 do ranking, encarado hoje como o maior acerto hollywoodiano deste primeiro semestre, é “Um Filme Minecraft”, de Jared Hess. Sua receita está em US\$ 940,6 milhões. Seu maior apelo é a conexão do longa com uma linha de videogames que alfabetizou gerações de crianças nos últimos 14 anos, mas a figura de Jack Black, em estado de graça, ajuda um bocado.

Buscado meios de salvar filmes de super-heróis baseados em HQs da falência anunciada, vide o desastre comercial do último “Capitão América” e seu Hulk Vermelho, a Meca americana do cinemão tem constatado que jogos eletrônicos podem ser a maior (e mais rentável) diversão. “Super Mario Bros.” (2023) faturou US\$ 1,3 bilhão quando se esperava bem menos dele. A franquia “Sonic” (2020-2024) não cessa de dar lucro, tendo arrecadado US\$ 1,2 bilhão. Projetos ainda em gestação pautados por games, como a versão para as telonas de “Fantasma de Tsushima”,

1. “Nezha: O Renascimento da Alma” (“Ne Zha 2”): **US\$ 1,9 bilhão**
2. “Um Filme Minecraft” (“A Minecraft Movie”): **US\$ 940,6 milhões**
3. “Capitão América: Admirável Mundo Novo” (“Captain America: Brave New World”): **US\$ 415,1 milhões**
4. “Thunderbolts*”: **US\$ 355,7 milhões**
5. “Lilo & Stitch”: **US\$ 341,7 milhões**
6. “Pecadores” (“Sinners”): **US\$ 338,9 milhões**
7. “Branca de Neve” (“Snow White”): **US\$ 205,1 milhões**
8. “Missão: Impossível: O Acerto Final” (“Mission: Impossible - The Final Reckoning”): **US\$ 204 milhões**
9. “Premonição 6: Laços de Sangue” (“Final Destination: Bloodlines”): **US\$ 186,7 milhões**
10. “O Homem-Cão” (“Dog Man”): **US\$ 144,7 milhões**

movimentam multidões nas redes sociais. Em meio a esse cenário, “A Minecraft Movie” veio para ficar. Custou alto (US\$ 150 milhões), mas já faturou alto também. Entre nós, somou cerca de 5,4 milhões de espectadoras/es.

Divulgação

O fenômeno é calçado no apelo infantojuvenil do jogo criado em 2011 pelo Mojang Studios, que refaz a realidade a partir de uma geometria de cubo. Há nele algo do “Jumanji” (1995) original: um clima pueril de peripécias sem fim. Um tempero de bom humor em pitadas generosas amplia o paladar de uma narrativa de correrias, que tem a função (importante) de atrair plateias mirins, de dentes de leite, para descobrir o cinema e aprender a amá-lo.

A premissa central é a do desajuste. Há um grupo de pessoas solitárias em cena: os irmãos Natalie e Henry (Emma Myers e Sebastian Hansen); a corretora e fã de animais Dawn (Danielle Brooks); e o ex-craque de videogames “The Garbage Man” Garrison (Jason Momoa). Por razões distintas, eles esbarram com uma mina que os transporta para o mundo mágico de Overworld, onde tudo é cúbico. Lá, encontram um humano perdido, Steve (papel de Jack Black), em busca de meios para voltar à Terra. Ele finge pactuar com as criaturas que dominam aquela realidade do avesso, mas acaba ajudando a turma recém-chegada a encontrar um veio de voltar, numa dinâmica de correrias com viradas sucessivas. Até dezembro, Black há de arrancar mais uma fortuna em dólares com a estreia do remake de “Anaconda”. A seu lado está Selton Mello, um fazedor de blockbusters brasileiros.

Lançado em Cannes, “O Acerto Final”, o (suposto) desfecho da franquia “Missão: Impossível”, com Tom Cruise, já arrecadou cerca de US\$ 230 milhões, mas nem de logo faz jus ao que se esperava de seu astro. Agora em junho, dois potenciais hits - “Elio”, da Disney, “Extremínio: A Evolução”, com Ralph Fiennes - devem dar dinheiro. O novo Super-Homem, que será lançado em 10 de julho, com David Corenswet no papel de Clark Kent, é a superprodução que mais (e melhor) periga trazer alegrias para o cinemão. No âmbito das surpresas, o achado do ano, para o mercado, foi “Pecadores” (“Sinners”), de Ryan Coogler, com Michael B. Jordan a combater vampiros e a Ku Kux Klan numa narrativa antirracista.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Do Irã todo mundo espera filme bom, como comprovou a Palma de Ouro confiada a Jafar Panahi por “Un Simple Accident”, no último sábado, já do Iraque... Por conta dos conflitos contra os Estados Unidos, em especial o embate envolvendo o Kwait nos anos 1990, pouco se vê (ou se conhece) da produção audiovisual iraquiana, o que tornou a passagem do filme “The President’s Cake” pela mostra Quinzena de Cineasta do recém-encerrado Festival de Cannes primeiramente uma iguaria e, depois, uma certeza de excelência.

Coube a ele o cobiçado troféu Caméra d’Or, espécie de Palma para estreantes. Seu diretor, Hasan Hadi, recém-chegado ao formato dos longas-metragens, foi recompensado ainda com a láurea de júri popular da Croisette. Venceu por uma narrativa que mistura algo do “era uma vez...” típico das fábulas com um neorealismo de raiz. Faz lembrar “O Balão Branco” (1995), do já citado Panahi, pela sua matriz de heroína infantil, mas não se agarra a eixos etnográficos, como o cult supracitado fazia. O que vemos é uma nação imersa no medo pelos olhos de uma criança.

“Ao retratar a miséria, eu não faço um simbolismo proposital”, disse Hadi ao Correio da Manhã. “Entre a fábula e o naturalismo, existe uma jornada”.

Com considerável experiência no posto de montador, Hadi dirigiu antes o curta “Swimsuit”, que estreou no Festival de Varsóvia de 2021. Ele cresceu no sul do Iraque e, já adulto, trabalhou em jornalismo, antes de se tornar professor adjunto no Programa de Pós-Graduação em Cinema da New York University. Recebeu o Gotham-Marcie Bloom Fellowship, o Black Family Production Prize e o Sloan Foundation Production Award. É bolsista do Sundance Lab 2022 e conquistou, a partir de Nova York, meios



A garotinha Lamia atravessa o Iraque na companhia de seu galo de estimação atrás de ingredientes para um bolo em ‘The President’s Cake’, que acaba de render o Caméra D’Or de Cannes para seu realizador Hasan Hadi

Guloseima de Saddam Hussein

Pouco visto em festivais e em circuito, o Iraque ganha prêmios e prestígio em Cannes graças ao êxito da aventura ‘The President’s Cake’, que pode fazer carreira para o Oscar

para filmar “The President’s Cake”. “É uma história que passa pelas minhas memórias de garoto”, disse o realizador.

Sua protagonista é Lamia (Banin Ahmad Nayef), uma estudante de 9 anos que precisa cumprir a tarefa imposta por sua escola: preparar um bolo. Não se trata de um bolo qualquer. É um bolo de aniversário para...

Saddam Hussein (1937-2006), o então líder de sua pátria. Estamos no início dos anos 1990, na era Bush (pai), e está chegando o dia 28 de abril, data em que o Iraque era obrigado (por lei) a celebrar o aniversário de seu governante, como se fosse uma festa cívica. Em meio a essa comemoração, Lamia, que é paupérrima, tem que fazer o tal doce do título (e

com recheio de creme) para levar para o colégio. Se não o fizer (e bem), cairá em desgraça. O problema é que ela não tem dinheiro para os ingredientes e sua responsável, uma avó cheia de retidão (Waheed Thabet Khreibat), tampouco pode ajudá-la. Começa aí uma travessia acachapante em busca de açúcar, fermento, farinha e ovos, numa dinâmica de

ação que conversa frontalmente com as cartilhas de Hollywood, apesar de o ambiente diante de nós sugerir geografias distintas das que os grandes estúdios retratam.

Lamia tem dois aliados: o amigo de escola Saeed (Sajad Mohamad Qasem) e seu galo de estimação. Carrega o bicho por onde vai e percebe que todos os aviários da região almejam se apoderar da ave. O que se vê nessa operação culinária é um microcosmos da opressão, tanto a interna (de Saddam) quanto a externa, por bombas que explodem aqui e a ali.

“É a travessia de duas crianças num ambiente de pobreza”, disse o cineasta, que saiu da Croisette cercado de chances de ter seu filme entre os concorrentes ao Oscar.

Antes de seu “The President’s Cake”, conhecia-se o cinema iraquiano pelo trabalho de Abbas Fahdel (“Retour à Babylone” e “Homeland - Iraq Year Zero”) e por Mohamed Al-Daradji, que arrebatou a Berlinale, em 2010, com “Filho da Babilônia”. Outro nome respeitado, egresso de Bagdá, foi Mohamed Shukri Jameel (1937-2025), famoso por “King Ghazi of Iraq” (1993).

Divulgação



Jorge Furtado
(à esquerda)
reuniu um
elenco estelar
- Fernanda
Torres,
Wagner
Moura, Camila
Pitanga e
Bruno Garcia
- que fez de
'Saneamento
Básico, O
Filme' um cult



Divulgação

Furtadice é a maior diversão

Mobilizando streamings com sua obra, Jorge Furtado, pilar do roteiro no cinema e na TV, devolve ao circuito seus dois cults: 'Ilha das Flores' e 'Saneamento Básico'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Em meio à boa acolhida da crítica a "Virginia e Adelaide", que rodou em parceria com Yasmin Thainá, o gaúcho Jorge Furtado mobiliza as salas de cinema a partir deste fim de semana com o regresso às telas de seus dois filmes mais badalados, relançados juntos, em combo, pela Sessão Vitrine Petrobras: "Ilha das Flores" (1989) + "Saneamento Básico, o Filme" (2007). O primeiro é considerado o mais inventivo curta do cinema nacional e o segun-



Divulgação

'Ilha das Flores' foi laureado com o Prêmio do Júri da Berlinale, em 1990

do, uma comédia ecológica, é uma aula sobre como fazer cinema nos moldes das comédias tristes da Itália à la Ettore Scola.

Ao mesmo tempo, uma série de títulos do cineasta mobilizam o Globoplay, como "Houve Uma Vez Dois Verões" (2002), "O Homem Que Copiava" (2003), "Meu Tio Matou Um Cara" (2004) e "Real Beleza" (2015). A Amazon Prime, rola ver "O Auto da Compadecida 2", fenômeno popular com 4,2 milhões de ingressos vendidos, do qual ele foi roteirista.

Ainda no streaming da Globo, encontra-se a ousada releitura da prosa de Guimarães

Rosa que ele ajudou a conceber com Guel Arraes: "Grande Sertão", de 2024. Essa releitura em forma de distopia de um marco da literatura em língua portuguesa hoje se encontra no menu do Globoplay, que funciona como uma espécie de retrospectiva digital da trajetória do realizador, com direito ao curta-metragem que fez sua fama mundo afora depois de conquistar o Urso de Prata da Berlinale de 1990, o já citado "Ilha das Flores". A chance de vê-lo agora em telona é imperdível. Com narração digressionista de Paulo José (1937-2021) e montagem fragmentada, esse pequeno grande filme denuncia com humor

ácido as desigualdades sociais e os absurdos do sistema de consumo, num estudo sobre a produção desenfreada de lixo.

Nas décadas de 1980 e 1990, Furtado povoou o imaginário audiovisual do Brasil com joias em formato pílula como "Temporal" (1984), rodado em duo com José Pedro Goulart. Hoje estão em cartaz no site Porta Curtas algumas pérolas do diretor, como "O Dia Em Que Dorival Encarou a Guarda" (1986); "Barbosa" (rodado em parceria com Ana Luiza Azevedo, em 1988); e "O Sanduíche" (2000).

Quando passou para as longas, no início dos anos 2000, sempre conectado à tevê, ele fez da "furtadice" (seu estilo de diálogos em pingue-pongue) uma marca, presente até no .doc "O Mercado de Notícias" (2014), sobre a prática do jornalismo, que pode ser visto na plataforma Curta!On. Com "Saneamento Básico, O Filme", ele dirigiu Fernanda Torres e Wagner Moura. O roteiro dessa crônica de costumes acompanha a mobilização dos moradores de uma pequena vila de colonização italiana no sul do Brasil que, diante da falta de recursos para construir uma fossa séptica, decidem produzir um filme de ficção para captar uma verba pública destinada à produção audiovisual.

Em cartaz Brasil adentro, o supracitado "Virginia E Adelaide" leva Furtado e Yasmin Thainá ao encontro de duas mulheres extraordinárias: a brasileira Virgínia Bicudo e a alemã Adelaide Koch. Virgínia, ícone das lutas antitiracistas, foi a primeira psicanalista brasileira. Adelaide, psicanalista judia, veio para o Brasil em fuga do regime nazista na Alemanha. Elas se conheceram em novembro de 1937, em São Paulo, no momento em que Getúlio Vargas decreta o Estado Novo. O convívio entre elas inspira um tratado sobre sororidade.

Ricardo Borges/Divulgação



Ynaê Lopes dos Santos

Vozes pretas ecoam na Pequena África

Pallas Editora celebra 50 anos com festa literária reunindo autoras como Conceição Evaristo, Ynaê Lopes dos Santos e Tatiana Nascimento

Por **Affonso Nunes**

A Pallas Editora está completando cinco décadas de existência, mas não se trata apenas uma efeméride editorial, e sim do reconhecimento público de uma trajetória comprometida com a valorização da cultura afro-brasileira e das religiões de matriz africana. Fundada por Antonio Fernandes e hoje dirigida por sua filha, Cristina Fernandes Warth, ao lado da neta Mariana Warth, a editora carioca se consolidou como referência em um campo que ainda enfrenta resistências estruturais no mercado editorial.

O aniversário será marcado por uma festa - um encontro de afetos, saberes e axés - neste sábado (31),

das 16h às 22h, na Casa Porto, no Largo São Francisco da Prainha. O espaço fica na região conhecida como Pequena África, próxima ao Cais do Valongo, símbolo da diáspora africana nas Américas, e à Casa de Escrevivência, que abriga o acervo de Conceição Evaristo. Autora de títulos como “Ponciá Vicêncio” e “Becos da Memória”, Conceição escolheu a Pallas como sua casa editorial e participará do evento ao lado da historiadora e escritora Ynaê Lopes dos Santos.

A programação começa às 16h com o lançamento do romance “Água de maré”, de Tatiana Nascimento, obra vencedora do Prêmio Pallas de Literatura 2024. Tatiana, que também é cantora, compositora, tradutora e editora, soma com este seu 18º livro publicado. Às



Monica Ramalho/Divulgação

Conceição Evaristo

Daisy Serena/Divulgação



Tatiana Nascimento

18h, divide mesa com Conceição e Ynaê, em um encontro literário mediado por Cristina Warth. Durante toda a tarde e noite, haverá venda de livros da editora e sessões de autógrafos com autores convidados.

No mês de junho, as comemorações se estendem ao cardápio da Casa Porto, com a estreia de uma

livraria no sobrado. A cada dia da semana, um prato especial será servido em homenagem a um autor da casa. Às terças, o público poderá provar a Lasanha à moda Nei Lopes, recheada de costela, enquanto às quartas o destaque será o Camarão da Sonia Rosa, com arroz caldoso, quiabos e abobrinhas. A proposta combina celebração culinária e literária, em tributo à história da editora.

Entre os nomes que integram o catálogo da Pallas estão autores como Helena Theodoro, Cidinha da Silva, Reginaldo Prandi, Joel Rufino dos Santos, Eliana Alves Cruz, Raul Lody, Vera de Oxalá, Amílcar Pereira e Rogério Athayde. No plano internacional, a editora publica obras de Léonora Miano, Ondjaki e Teresa Cárdenas, entre outros. O catálogo reflete uma curadoria pautada pela diversidade de vozes e por um compromisso com a memória, a espiritualidade e a resistência.

Cristina Warth atribui a longevidade da editora à coerência das escolhas. “Desde o início, entende-

mos que estávamos lidando com a maior parcela de trabalhadores da população brasileira, pessoas que formaram esse país com sua cultura, seu pensamento, sua forma de ser e existir, e que foram vilipendiadas desde que aqui chegaram escravizadas”, afirma. Aos 65 anos, ela lembra que tinha apenas 15 quando começou a acompanhar o trabalho do pai na Pallas. Em 2003, assumiu a direção da editora após a morte dele.

Sua filha Mariana, que atua na casa há 25 anos, criou em 2013 o selo Pallas Mini, voltado para o público infantojuvenil. “O trabalho editorial é meio cachaça”, brinca, ao comentar a decisão de seguir os passos da mãe e do avô. Cristina reconhece o privilégio de ter trabalhado com o pai e, agora, com a filha. “A Pallas é um ambiente feliz. Foi um luxo ter vivido isso com ele, e é um luxo continuar com a Mari.”

Ao longo desses 50 anos, a editora contribuiu decisivamente para a difusão do pensamento afro-brasileiro, em especial nos campos da literatura, da história e da religiosidade. Cristina destaca que a linha editorial da casa já se alinhava com os princípios da Lei 10.639 — que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas — muito antes de sua promulgação. “Publicávamos esses temas antes mesmo de eles se tornarem obrigatórios por lei. Nosso compromisso é anterior à legislação: é ético, político e cultural.”

A editora chega a um momento de sua trajetória com vitalidade renovada, impulsionada pelo reconhecimento de nomes como Conceição Evaristo, que acaba de ser eleita para a Academia Mineira de Letras e recebeu, em 2023, o Troféu Juca Pato pelo conjunto de sua obra. Um novo livro inédito da autora está previsto para o segundo semestre.

SERVIÇO

50 ANOS DA PALLAS EDITORA

Casa Porto (Largo de São Francisco da Prainha, 4, Saúde)
31/5, das 16h às 22h
Entrada franca

Samanta Toledo/Divulgação



ÉCLAIR



ESPETTO CARIOCA

Divulgação



NOLITA ROASTERY

Daniela Martins/Divulgação

Divulgação



MEDOVIC

Rota dos quitutes: onde provar as delícias juninas da temporada

Sugestões clássicas como o caldo verde e queijo coalho até doces franceses com recheios juninos

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Com a chegada das festas de São João, o aroma de milho, coco e canela toma conta das ruas. Para quem quer aproveitar o melhor da gastronomia típica dessa época, reunimos os lugares que oferecem delícias como curau, arroz doce, caldo verde e outras iguarias feitas exclusivamente para a data. Descubra abaixo onde saborear os quitutes juninos nas casas cariocas e entre no clima das festas com muito sabor e tradição:

DIANNA BAKERY - Comandada pela chef confeitaria Dianna Macedo, a confeitaria entra no clima de São João com o irresistível Cookie de Paçoca (R\$ 13), finalizado com chocolate meio amargo e amendoim crocante. Rua Dona Delfina, 14 - Tijuca. Tel: (21) 3129-7006.

ÉCLAIR CAFETERIA - A casa lança para data uma edição limitada com sabores juninos de éclairs. Entre as opções estão: a Éclair de Milho Verde, recheado com mousse de milho verde e com cobertura de creme de milho e canela; a Éclair de Coco Queimado, feito com mousse de coco queimado e cobertura de coco queimado e a Éclair de Amen-

doim, recheado com mousse de amendoim e finalizado com uma farofa de amendoim tostada. Todas as opções acima custam R\$ 35 e estão disponíveis somente nos meses de junho e julho. BarraShopping - Av. das Américas, 4666 - Loja 141, Praça XV - Nível Lagoa. Tel: (21) 3556-9808.

ESPETTO CARIOCA - Para quem não abre mão das delícias típicas nas festas juninas, a casa traz opções para todos os gostos. As apostas são em sabores clássicos que são a cara da temporada: o tradicional Espetto de Salsichão (R\$ 14,95) e o Espetto de Queijo Coalho (R\$ 15,95), crocante por fora e macio por dentro. Todos os espetos da casa

Divulgação



TALHO CAPIXABA

Reca Cavalcanti/Divulgação



DIANNA BAKERY

têm aproximadamente 100g e são servidos com farofa e molho à campanha. Av. Ataulfo de Paiva, 1321, Loja A - Leblon. Tel: (21) 97064-7566.

MEDOVICK - Para os fãs de festa junina, a novidade é o Medovick de Paçoca (Bolo pequeno - R\$ 330, Bolo grande - R\$ 415 e fatia - R\$ 35). Ele é recheado com pedaços do doce típico brasileiro misturados à sementana, e finalizado com paçocas bem pedaçadas por cima, perfeita para celebrar a temporada. Rua Visconde de Pirajá, 156, sobreloja 203 - Ipanema. Tel: (21) 99579-9904.

NOLITA ROASTERY - Para quem um quitute junino a casa preparou exclusivamente para a temporada o pavê de paçoca (R\$ 36 - fatia). Ele leva pão de ló, creme à base de brigadeiro branco, paçoca e chantilly, crumble de baunilha e paçoca. Av. das Américas, 5000 - Barra da Tijuca - New York City Center. Tel: (21) 21 99512-5044.

TALHO CAPIXABA - As casas da rede (Leblon, Ipanema e Gávea) destacam os seus diversos sabores juninos, como Canjica (R\$ 16,50); Curau (R\$ 16,50); Arroz Doce (R\$ 16,50); e Quindim (R\$ 11,90). Para os fãs de bolos, sugestões como o de Aipim com coco (R\$ 74,52 kg); e o tradicional Bolo de Milho (R\$ 90,75 kg). Entre os caldos, destaque para o Caldo Verde (R\$ 39,50). Rua Barão da Torre, 354. Tel: (21) 3037-8638.

Flores que vejo flor em você

Pensar em poesia sem sentir o perfume das rosas é poetizar sem vivenciar, mesmo quando esta rosa é hereditária, cirrótica, atômica, muda em telepatia, descolorada palidamente, desodorizada do âmago de seu eflúvio. Que me perdoe o poeta maior, peço licença, poética é claro, para desavir em meu dissentir, mas rosas guardam o perfume que roubam de todas as mulheres do universo. Meu Poetinha, mesmo discreto, o aroma exalado tem a cor de uma mangueira-mestre, em notas musicais e doces palavras. A mangueira dá rosa em botão. Hei de concordar contigo, tenho que fazê-lo, tu defines com a mais puro de todos de todos os teus versos que “...uma rosa é uma rosa, é uma rosa / É a mulher rescendendo de amor...” Que coisa mais linda, que aroma tem a mulher que rescende de amor. Não há nada mais.

A poesia é assim como um imenso jardim absolutamente, florido; são crisântemos, rosas, dalias em viridário no firmamento. É como procura a flor e o seu codinome beija-flor. Os canteiros de Cecília, vestal fogo sagrado.

As flores vencem os canhões e as baionetas sombrias, cabos destroçados. Refrões bisados a exaustão, suplantam as rimas, à flor da pele, à flor da idade, à flor do amanhã, com aquela alegria fugidia e furtiva.

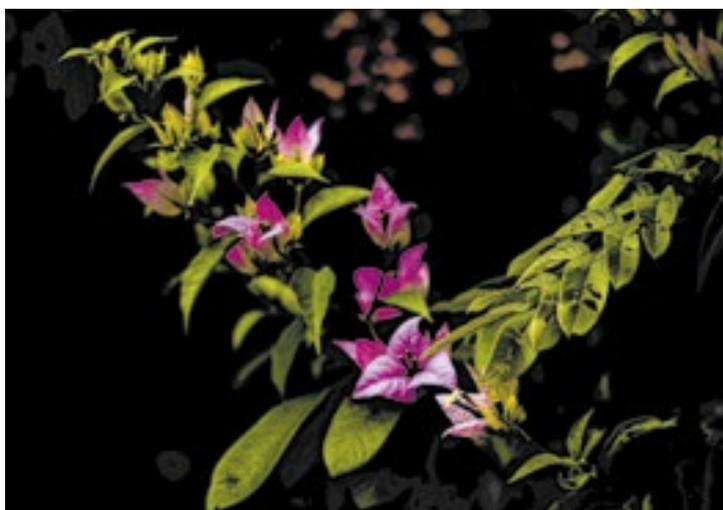
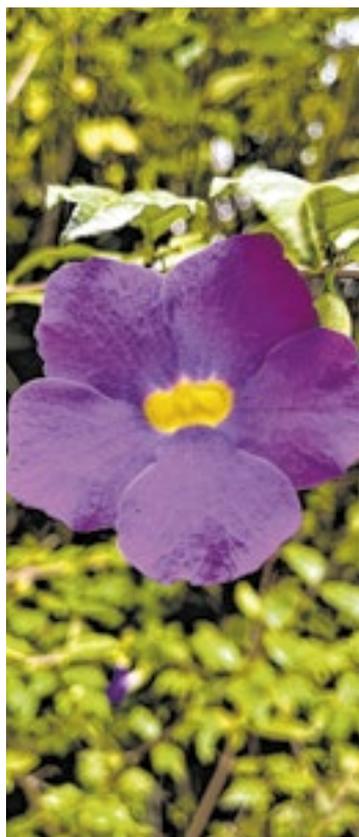
Os cravos fazem revoluções, as camélias aproximam casais no enlace matrimonial do companheirismo, a flor-de-laranjeira derrama sua alva luz na simplicidade do buquê nubente.

Olho pela janela, vejo a rosa-violeta salpicando de pétalas, sépalas incrustadas na corola, o viridário da existência telúrica. Vejo flores, bruta flor em que me queres, oh imensa seiva do algodão-da-praia, alabastrino-amarelado.

Nesse vergel da existência poética, onde rapsodos, vates e bardos bebem na fonte mágica das musas, fadas madrinhas e ninfas do amor, grinaldas, ténues miosótis. Nesse espaço em que refloresce do restolho o deífico desabrochar, o mais divinal olor, alma florada multicolor. Terá o amor tom?

Somos assim, ode no estro encantado, aroma matinal da dama-da-noite, jasmims noturnos, jardins florescidos. Em cada ode olência do que nos dizem as rosas. Puro êxtase no Édem.

Eu vejo flores em Frida Kahlo, pétalas no mundo, rosas em você!



A força da cena LGBTQIAPN+

Festival de teatro em Samambaia promove a diversidade de gênero

Por Mayariane Castro

A Cia. Estupenda Trupe anunciou a realização do 1º Festival de Teatro LGBTQIAPN+ Em Cena, marcado para ocorrer entre os dias 11 e 13 de junho de 2025, no Complexo Cultural de Samambaia, no Distrito Federal. Com financiamento do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), o festival tem como objetivo fomentar a cena teatral local, gerar empregos e valorizar profissionais da comunidade LGBTQIAPN+.

A programação inclui espetáculos, performances e uma mostra universitária de teatro, com inscrições abertas até 2 de junho. O festival aceita a participação de grupos formados por estudantes de Artes de escolas, ONGs e uni-



Divulgação

Ideia do grupo é transformar o festival em parte do calendário cultural do DF

Espaço de visibilidade e de troca

Espectáculos e cenas focarão no cotidiano das comunidades

Também serão aceitas montagens com a temática mesmo que a direção não pertença a alguém de nenhum dos grupos, desde que profissionais com eles identificados ocupem cargos-chave na produção.

A curadoria do festival terá foco na diversidade e busca contemplar a pluralidade da sigla LGBTQIAPN+, além de considerar recortes raciais. Dessa forma, haverá atenção especial à seleção de espetáculos e cenas realizados por pessoas negras e

indígenas também, ou que incluam personagens racializados em destaque.

O diretor do festival, Tiago Venusto, destacou que a iniciativa visa discutir e refletir sobre o espaço dessa diversidade no teatro contemporâneo. Segundo ele, o festival surge como resposta às transformações do setor cultural, buscando promover representatividade e ampliar o debate sobre diversidade nos palcos do Distrito Federal.

O festival é uma das inicia-



Agência Brasília

Complexo Cultural de Samambaia será o palco

tivas mais recentes do grupo e integra uma linha de ações voltadas à valorização de artistas assim identificados, com enfoque no fortalecimento da produção cultural local. O evento se insere em um contexto mais amplo de incentivo às artes cênicas no Distrito Federal, por meio de políticas públicas como o FAC-DF.

A expectativa dos organiza-

dores é que o festival se torne um evento anual no calendário cultural do Distrito Federal, com edições futuras ampliando o alcance e diversidade de propostas cênicas. O projeto pretende ainda abrir espaço para intercâmbios com artistas de outras regiões do país, fortalecendo redes de colaboração e circulação de espetáculos.

versidades do Distrito Federal e Entorno. Ao todo, serão selecionadas sete cenas que abordarão temas relacionados ao cotidiano da comunidade. Cada grupo selecionado receberá um cachê artístico no valor de R\$ 1 mil. Menores de 18 anos precisam apresentar autorização de um responsável no ato da inscrição.

As inscrições para a Mostra Universitária estão disponíveis por meio de formulário online. A seleção das cenas será feita por comissão curatorial, e os critérios envolvem adequação temática, viabilidade técnica e representatividade da comunidade LGBTQIAPN+ na equipe artística. De acordo com os organizadores, o evento prioriza espetáculos com direção assinada por profissionais da comunidade.

Universos

A abertura do festival, no dia 11 de junho, será dedicada à mostra universitária. As apresentações ocorrerão de forma presencial, e os grupos poderão apresentar cenas curtas dentro da temática proposta. O evento não terá caráter competitivo e não oferecerá troféus ou premiações além do cachê da mostra. A ideia é valorizar a produção cênica do Distrito Federal, oferecendo espaço e visibilidade para trabalhos desenvolvidos por artistas e coletivos da região.

A atriz e produtora cultural Alana Ferrigno, também integrante da Cia. Estupenda Trupe e proponente do projeto, reforçou que o evento busca ser um espaço de visibilidade e troca entre artistas da cena local. Ferrigno explicou que o festival não tem como objetivo classificar ou premiar os participantes, mas reunir a comunidade teatral em torno de temáticas relevantes.

PROJETO

4ª Mostra Cultural

*A Mostra Cultura Candanga realiza sua 4ª edição nos dias 31 de maio e 1º de junho, na Feira da Torre de TV, em Brasília, com entrada gratuita. O evento celebra as culturas populares do DF e de outras regiões do Brasil, reunindo artistas de Pernambuco, Pará, Cuba e do DF. Realizada pela Associação Cultura Candanga e pelo grupo Pé de Cerrado, com apoio do FAC/DF, a mostra traz cortejos, shows e manifestações tradicionais, promovendo intercâmbio cultural, formação de público e valorização da diversidade brasileira.

Celebrando a força das Orixás

*O Festival Yabás Deusas Negras celebra a cultura afro-brasileira e o protagonismo feminino de 9 a 15 de junho, com programação gratuita que inclui oficinas, rodas de conversa, música e rituais. Homenageando as Orixás femininas como Oxum, Iemanjá, Iansã e Nanã, o evento exalta valores como proteção, sabedoria e resistência. A iniciativa busca valorizar tradições ancestrais, combater o preconceito e fortalecer a representatividade das mulheres negras na sociedade.

CINEMA

Mostra Hirozaku Kore-Eda

*Até 22/6, o CCBB Brasília apresenta a mostra O Cinema de Hirozaku Kore-eda, com 29 filmes do premiado diretor japonês, incluindo Assunto de Família e Monster. Inédita no Brasil, a retrospectiva traz também debate e curso sobre sua obra. Com olhar sensível, Kore-eda retrata personagens falhos e temas como laços familiares, empatia e exclusão. A programação inclui sessões acessíveis, atividades formativas e transporte gratuito com a van "Vem pro CCBB".

Cine Brasília exhibe clássicos

*O Cine Brasília exhibe clássicos de Jorge Furtado em 4K: Saneamento Básico, o Filme e o curta Ilha das Flores, com sessões a partir desta semana e ingressos a R\$15 (inteira) e R\$7,50 (meia). Estreiam também Lispectorante, de Renata Pinheiro, Manas, de Marianna Brennand, e o thriller Conclave, na nova Sessão ao Meio-Dia, com valor regular. Seguem em cartaz Homem com H, Criaturas da Mente e a animação Looney Tunes.



O Mestre Zé do Pife viveu mais de 30 anos em Brasília e se apresenta no projeto

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Festival Yabás Deusas Negras

Destaques: Memórias de um Esclerosado (R\$5, dia 30) e Vermelho Bruto (R\$5, dia 1/6).

FESTIVAL

32ª Expotchê

*De 6 a 15 de junho, o Parque da Cidade recebe a 32ª Expotchê, a maior celebração da cultura gaúcha no DF. Gastronomia típica, danças, música, agroindústria familiar e o novo festival Churras Tchê transformam o Pavilhão num pedacinho do Sul. Ingressos a R\$20 e R\$10. Segunda a quinta, entrada gratuita das 16h às 17h.

Funn Festival recebe Elba Ramalho

*Elba Ramalho é destaque do Funn Festival no dia 30 de maio, trazendo sua

Divulgação



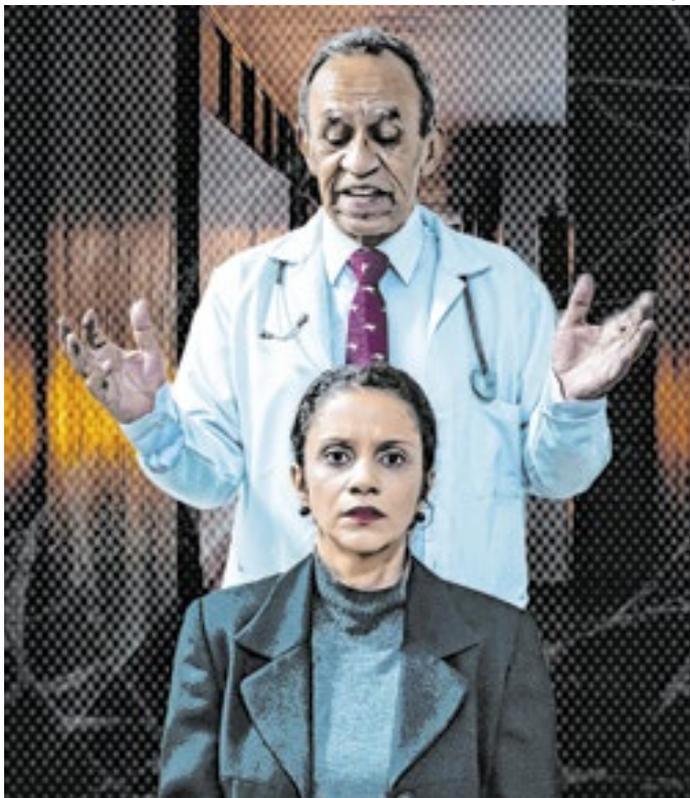
Mostra Portinari reúne 55 obras

Divulgação



Espetáculo Vienen por Mí

Divulgação



Adaptação teatral de 'Sangue no Olho', no DF

Sant Caê



Projeto Poéticas Carnavalescas abre exposição

energia vibrante e a força da música nordestina com muito forró e MPB. Ao lado de Geraldo Azevedo, Zeca Baleiro e Dorgival Dantas, ela promete um espetáculo inesquecível no Estacionamento 2 do Parque da Cidade. O evento tem clima junino, comidas típicas, atrações para todos os gostos e segue até 1º de junho com programação variada.

Festival Saracura

✦ Brasília recebe o 1º Festival Saracura de Cultura Popular, idealizado por Luciano Astiko, de 13 a 15 de junho. Com o tema "Longevidade", o evento une capoeira, permacultura e cultura popular no Centro Cultural Capoeira do Urubu e Beija-Flor. A programação inclui rodas de capoeira, samba de roda, jongo, oficinas, vivências e plantio coletivo.

TEATRO

"Vienen por Mí"

✦ Vienen por Mí, solo da atriz Fábica Mirassos, com texto de Claudia Rodriguez e direção de Janaína Leite, questiona: "sobre o que temos que falar, nós, as travestis?" Em quatro atos que misturam monólogo, stand-up e espiritualidade, o espetáculo é manifesto poético-político. Com estética íntima e sensorial, aborda vivências trans com delicadeza e força. Ingressos: R\$30 (inteira) | R\$15 (meia).

"Sangue no olho"

✦ Brasília recebe em junho a terceira temporada do espetáculo Sangue no Olho, adaptação da obra de Lina Meruane, com direção de Delson Antunes. A peça será apresentada em Taguatinga

(6 a 8/6), Plano Piloto (13 a 15/6) e Gama (20 a 22/6). A trama acompanha Lina, escritora chilena que enfrenta uma doença nos olhos e revisita conflitos pessoais e familiares.

"Nessa Noite Perfumosa"

✦ Com entrada gratuita, Nessa Noite Perfumosa será apresentada no Espaço Cultural Renato Russo de 30/5 a 1º/6. A peça celebra o Cerrado e a cultura popular por meio do encontro de três figuras num boteco fictício. Criado por Letícia Coralina, Melissa Contreiras e Pâmela Germano, o espetáculo mistura poesia, memória e brasilidades, com acessibilidade em Libras e audiodescrição.

EXPOSIÇÃO

Obras de Portinari no TCU

✦ O Tribunal de Contas da União (TCU) inaugura em 27 de maio, às 18h30, a exposição Cenas Brasileiras: o modernismo brasileiro em perspectiva, no Centro Cultural TCU. Com entrada gratuita até 30 de agosto, a mostra reúne 55 obras de 14 artistas, incluindo Portinari, Tarsila e Di Cavalcanti. Destaque para seis telas inéditas de Portinari e a instalação Carrossel Raisonné, do Projeto Portinari. Classificação livre.

Victoria Serednicki

✦ A partir do próximo dia 6 de junho, a Galeria Parangolé no Espaço Cultural Renato Russo recebe a exposição A Leveza do Ser, de Victoria Serednicki, com 18 obras inéditas em pintura abstrata. A mostra convida a uma experiência sensorial por meio de tons suaves, especialmente o azul, e pinceladas delicadas. Com entrada gratuita, inclui também um vídeo sobre o processo criativo da artista. A proposta une silêncio, contemplação e espiritualidade.

Exposição sobre carnaval

✦ O projeto artístico, "Poéticas Carnavalescas", idealizado por Humberto Araujo, realiza sua primeira exposição local até 14 de junho na Galeria A Pilastra (QE 40 - Guará II). A mostra reúne 40 fotografias feitas por seis artistas durante residência artística no carnaval 2025 de Brasília, com direção geral de Araujo e curadoria de Gisele Lima. As imagens apresentadas captam o carnaval como expressão cultural e política. Entrada gratuita. Mais informações no Instagram: @poeticas-carnavalescas.



Funn Festival 2025

Divulgação

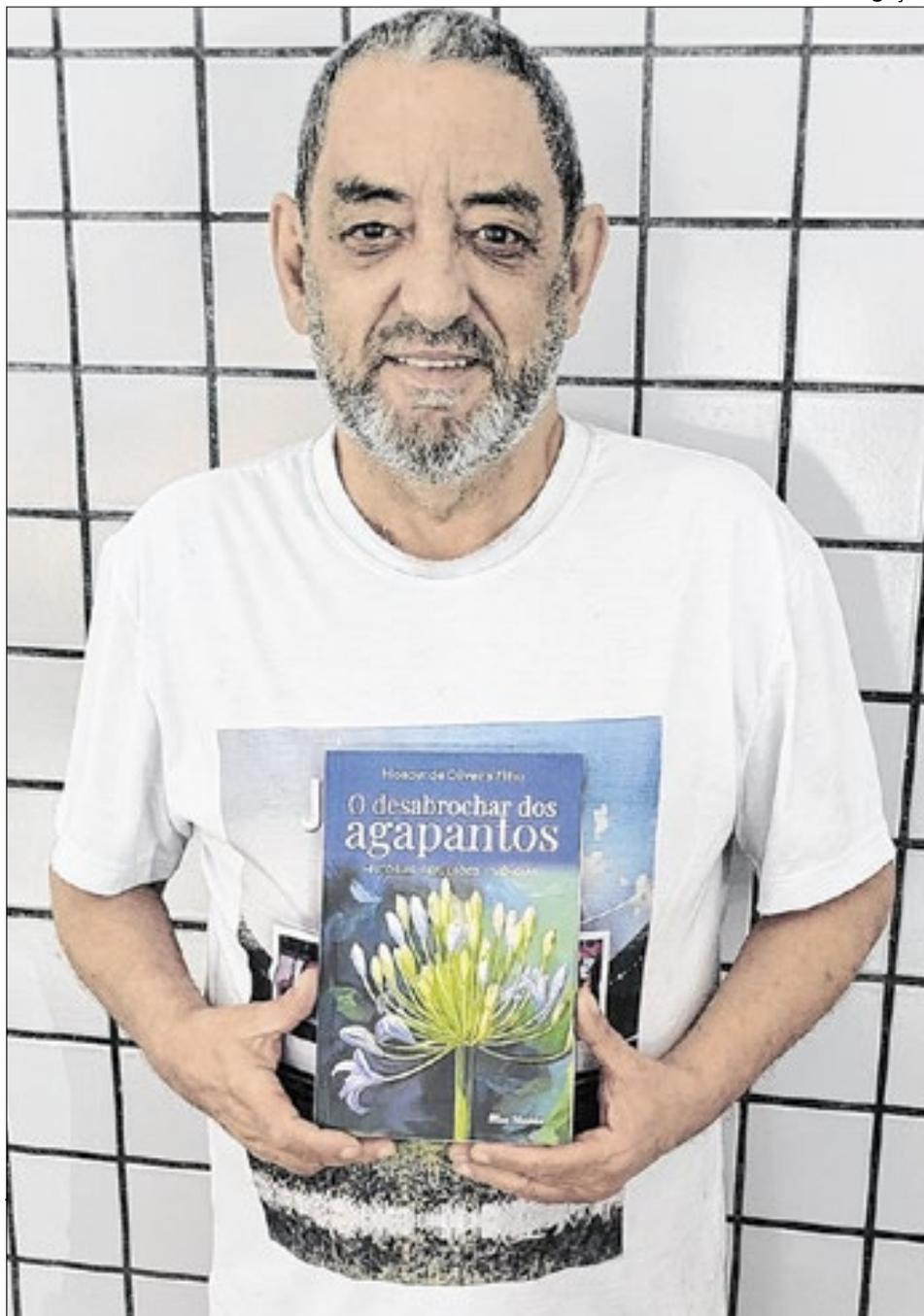
Memórias do Moa

Figura icônica do jornalismo, da política e do carnaval, Moacyr de Oliveira lança livro

Por Mayariane Castro

Aos 72 anos, o jornalista Moacyr de Oliveira Filho é parte da história jornalística, política e cultural de Brasília. Com forte militância no combate à ditadura militar, Moa, como é conhecido, teve também atuação destacada em diversos veículos da imprensa brasileira. E fincou seu nome na história do carnaval brasiliense. É fundador do famoso bloco Pacotão e já presidiu a escola de samba Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro, a Aruc, a mais premiada de Brasília. Com toda essa bagagem, Moa lançou na última quarta-feira (21), em Brasília, o livro “O Desabrochar dos Agapantos – Histórias, Reflexões, Vivências”, sua quinta publicação. A obra, publicada pelo selo Mais

Histórias, da Mauad Editora, é uma reunião de memórias que abordam experiências pessoais e profissionais ao longo de mais de cinco décadas. Com 72 anos, Moacyr decidiu registrar episódios de sua vida que envolvem o jornalismo, a política, o carnaval e a participação em movimentos culturais e sociais. Segundo ele, o objetivo é preservar memórias pessoais e também contribuir para a história recente do Brasil e de Brasília. No livro, o autor relata sua trajetória na imprensa, sua atuação em cargos públicos e episódios marcantes como a prisão e a tortura sofridas durante o regime militar. A publicação reforça o papel da narrativa pessoal como elemento de construção da memória coletiva.



Divulgação

Jornalismo, política, carnaval, Corinthians: temas do livro de Moa

Política, carnaval, futebol...

Livro passeia por diversos pontos da vida jornalística e cultural

Segundo o autor, a valorização de relatos como o seu é fundamental para preservar experiências que compõem o mosaico da história recente do país.

O livro não segue a estrutura de um romance autobiográfico. De acordo com o autor, trata-se de um relato jornalístico que aborda passagens significativas de sua vida, mesclando fatos pessoais com aspectos da história política e cultural do país. Entre os temas abordados estão a luta contra o alcoolismo, um diagnóstico de sua filha, a atuação em

movimentos carnavalescos, além de passagens profissionais em veículos de comunicação e órgãos públicos.

A publicação traz reflexões sobre o papel do jornalismo e da política no Brasil contemporâneo. No prefácio do livro, o jornalista e professor aposentado da Universidade de Brasília (UnB), Hélio Doyle, destaca a dedicação de Moa à prática jornalística, lembrando que ele foi responsável por importantes reportagens e teve a carreira afetada pelas interferências políticas do período da ditadura militar.

Além da trajetória profissional, o livro também apresenta o envolvimento do autor com o carnaval. Moa foi presidente da Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro (Aruc), considerada a mais antiga escola de samba de Brasília e detentora do maior número de títulos do carnaval da capital. Atualmente, é secretário-geral da Federação Nacional das Escolas de Samba (Fenasamba). Moa é também um dos fundadores do bloco Pacotão e o autor da sua primeira marchinha, “Aiatolá”.

Detalhes da vida

Paulistano do bairro do Brás e morador de Brasília desde 1977, Moa iniciou sua carreira jornalística em São Paulo e acumulou experiências em diversos meios de comunicação e instituições. Atuou como assessor de comunicação da Câmara dos Deputados, da Assembleia Nacional Constituinte, do Senado Federal, da Secretaria de Comunicação da Presidência da República e da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), onde

também ocupou cargos de direção. Foi ainda editor da Agência Senado e diretor-geral do Departamento de Turismo do Governo do Distrito Federal.

O autor é um dos integrantes da Comissão da Memória e Verdade do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal, voltada para o resgate das histórias de jornalistas perseguidos durante a ditadura. Ele também anunciou a intenção de escrever um novo livro sobre sua prisão e tortura na ditadura.

Correio da Manhã

Brasília, Sexta-feira, 30 de maio a domingo, 1 de junho de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.778

4ª Mostra Cultural
Candanga na feira
da Torre de TV

PÁGINAS 8 E 9



Cia. Estupenda
lança 1º Festival
LGBTQIAPN+

PÁGINA 5



Jornalista Moacyr
Oliveira lança livro
de memórias

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Por Affonso Nunes

Poucos artistas brasileiros mantêm com Angola uma relação tão profunda quanto Martinho da Vila. Desde a primeira visita ao país africano, ainda em 1969, quando Angola lutava por sua independência, o cantor se tornou um embaixador afetivo da cultura local — e essa vivência tem moldado não apenas sua obra, mas sua própria visão de mundo. É com esse laço reafirmado que ele chega ao palco do Circo Voador no sábado, 31 de maio, com o espetáculo “O Canto Livre de Angola”.

Recém-chegado de mais uma viagem à África, onde comemorou os 50 anos da independência angolana ao lado de sua banda, Martinho resgata momentos-chave dessa trajetória em seu livro “Kizombas, Andanças e Festanças”. Foi em 1982 que ele organizou pela primeira vez no Brasil o projeto “O Canto Livre”, responsável por introduzir a música angolana no

país. “Dizem até que tive participação na conquista da liberdade política deles. Imagina”, escreveu o artista, que carrega o título de embaixador cultural honorário de Angola.

O repertório da noite vai refletir esse intercâmbio cultural com canções como “À Volta da Fogueira”, “Semba dos Ancestrais” e “Muadikime”, além de clássicos martinianos como “Devagar Devagarinho”, “Madalena do Jucu” e “Disritmia”. Com sua integridade artística, Martinho oferece a seu público uma ponte entre continentes, o encontro do samba e do semba numa celebração à liberdade.

SERVIÇO

MARTINHO DA VILA
| O CANTO LIVRE DE
ANGOLA

Circo Voador (Rua dos
Arcos, s/nº – Lapa)
31/5, a partir das 20h
(abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 160 e R\$
80 (meia)

Martinho da Vila (e de Angola)

Show no Circo Voador exalta legado
do país africano na obra e no
pensamento do artista